

A PENA, A PEDRA E A GUERRA.

A Guerra do Paraguai em 10 Charges.



Nayla Thaynã Soares Alves de Menezes.



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



Capa

Trabalho de Nayla Thaynã Soares Alves de Meneses com imagem: “Voluntária da Pátria”, *Semana Illustrada*, nº 249, 17/09/1865.

Pesquisa iconográfica e texto

Nayla Thaynã Soares Alves de Meneses

Diagramação

Nayla Thaynã Soares Alves de Meneses

Pesquisa Iconográfica e Imagens

Nayla Thaynã Soares Alves de Meneses

Revisão

Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves.

Este paradidático foi elaborado como produto educacional do Mestrado Profissional em História/PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves.



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



Sumário

Apresentação.....	4
Charges: O que são?.....	5
Ilustrando uma Nação.....	6
Como ler uma charge?.....	7
Conheça seu Paradidático.....	8
Links.....	20
Referências.....	21

A PENA, A PEDRA E A GUERRA.

APRESENTAÇÃO

Caro estudante,

Este paradidático apresenta a Guerra do Paraguai, ocorrida entre os anos de 1864 a 1870, de uma forma diferente para você: através das Charges inseridas na imprensa ilustrada da época.

Este conflito foi travado entre o Império do Brasil, Uruguai e a Argentina contra um país: o Paraguai. Os motivos diferem conforme a narrativa: uns entendem que foi a expressiva expansão brasileira em torno da Bacia do Prata, um importante conjunto de rios para a região sul do nosso país e que faz fronteira com a Argentina, Uruguai e Paraguai, e que ia na contramão dos interesses dos outros países (principalmente o Paraguai); outras narrativas nos contam que o presidente paraguaio Solano Lopez era um tirano (uma espécie de pessoa que governa conforme suas vontades e necessidades) e tinha interesses em uma saída para o mar, entrando assim em atrito com o Império do Brasil; outras ainda afirmam que a poderosa Inglaterra tinha interesses na América do Sul e manipulava os países para o seu benefício, logo, o conflito contra o Paraguai interessava ainda mais a Inglaterra e sua economia.

Durante o período do conflito (longos 7 anos), a imprensa era o principal meio de comunicação. Não havia redes sociais, comunicação instantânea como *Whatsapp*, *Instagram*, *Telegram* e nem ao menos telefone para se fazer ligações. A essa época a imprensa era o principal meio de você saber o que acontecia no mundo afora, mesmo que fosse com alguns dias ou meses de atraso....

Foi essa imprensa que deu palco importante para o conflito, e se posicionou a favor ou contra, pregando o patriotismo ou criticando o voluntarismo forçado. É dela que provém algumas informações que sabemos sobre o conflito na atualidade, mas também tivemos outros meios como documentos oficiais, diários pessoais dos militares e também a fotografia.

Escolhemos a Charge como nosso objeto de pesquisa e o fio condutor que lhe fará entender a Guerra do Paraguai, pois a Charge possui um potencial crítico e reflexivo importante para você entender como e por que este conflito ocorreu. Separamos algumas Charges sobre a Guerra e esperamos que você goste bastante! Ah! Quase esquecendo! Se você se interessar ainda mais sobre o conflito e quiser se aprofundar no assunto, lhe convido a dar uma olhada na minha dissertação.

Saudações cordiais, do século XIX para o século XXI.

A Autora.

CHARGES

o que são?

Os jornais, sejam eles impressos, televisivos ou digitais, nos apresentam notícias do dia a dia de maneiras diferentes, criticando, opinando, analisando e/ou apoiando práticas e situações nos mais variados setores, como a economia, esporte, cultura e política.

Uma dessas variadas formas dos jornais noticiarem e exporem suas opiniões é pela Charge. Ela faz parte do gênero jornalístico e utiliza a imagem para expressar, representar ou criticar algum acontecimento do cotidiano no qual está inserida. A Charge carrega consigo a opinião própria de seu autor, logo, não pode ser considerada um documento neutro, ou seja, isento de escolhas.

A palavra “Charge” vem do francês “*charger*” que significa “*carregar*”, assim, tal recurso tende a exagerar, ou seja, “carregar” em suas representações sobre um assunto. Por se inserir em um espaço-tempo, a Charge carrega consigo a visão do seu desenhista, mas também necessita que o leitor conheça o espaço em que se insere para que seja possível reconhecer e entender o que tal imagem deseja criticar ou apoiar.

Embora pareçam semelhantes, a Charge não deve ser confundida com o Cartum, Caricatura ou Histórias em Quadrinhos (HQ’s), pois cada um possui funções e características específicas.

ILUSTRANDO UMA NAÇÃO.

O Brasil do século XIX foi desenhado de várias formas, ângulos e modelos por múltiplos ilustradores e pintores, que reproduziam em seus traços não só as problemáticas sociais, políticas e econômicas, mas também as glórias e conquistas de uma nação. Muitos foram os que se destacaram neste meio, como Ângelo Agostini e Henrique Fleiuss, que alcançam seu sucesso em meio a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Ângelo Agostini (1843-1910)



Nascido em Vercelli, Piemonte, atual Itália, Ângelo Agostini (foto) chegou ainda jovem ao Brasil, se estabelecendo na cidade de São Paulo, onde iniciou carreira como caricaturista em 1864, ao inaugurar a revista *Diabo Coxo* (1864-1865), que tinha como personagem principal o Diabo Coxo (charge ao lado direito), o primeiro jornal ilustrado da província. Ninguém fugia do seu traço feroz, que denunciava e expunha a todos (principalmente os políticos), Agostini ainda foi responsável pelo *O Cabrião* (1866 a 1867). Após a falência, resolveu se mudar para o Rio de Janeiro, onde trabalhou em *O Arlequim* (1867); *Vida Fluminense* (1868-1874) e o *Mosquito* (1872-1877). É de sua autoria a primeira história em quadrinhos do Brasil: *Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*.

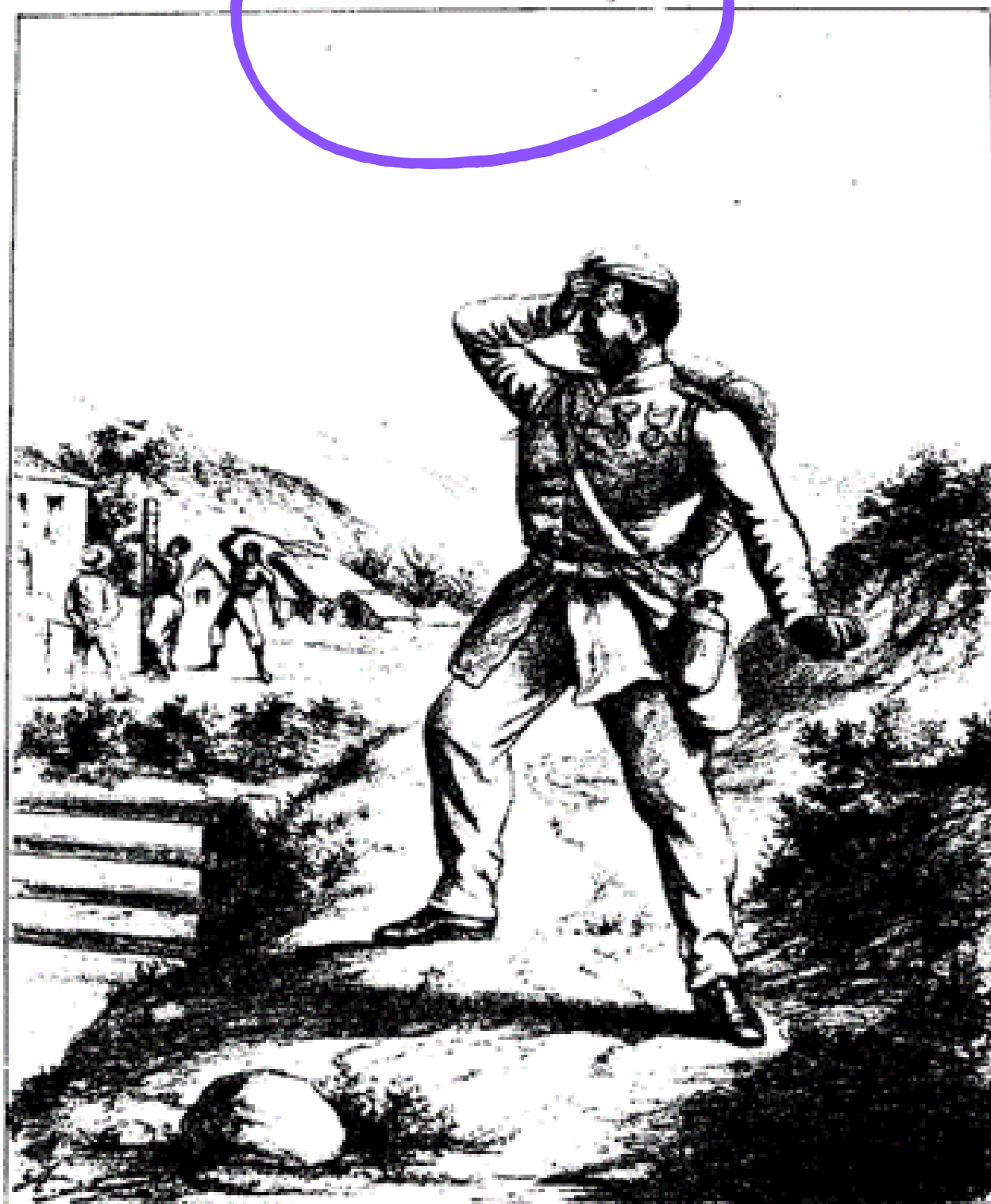
Henrique Fleiuss (1823-1882)

Henrique Fleiuss nasceu em 1823 na cidade de Colônia, atual Alemanha. Frequentou o curso de Belas Artes em Colônia e Dusseldorf, além de Ciências Naturais em Munique. Em 1858 chegou ao Brasil; em 1859 se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro junto a seu irmão, Carlos, e Carlos Linde, um litógrafo. Ainda em 1859, os três fundaram uma oficina de arte, o Instituto Artístico; em pouco tempo, o instituto obteve grandioso destaque na cidade. Em 1861 fundou a *Semana Illustrada*, primeira publicação ilustrada especializada em humor, no Rio de Janeiro, capital do Império. Após o fim da *Semana Illustrada* em 1875, Fleiuss se dedicou a outros projetos como a *Ilustração Brasileira* (1876-1878) e a *Nova Semana Illustrada* (1880), mas nenhum alcançou o sucesso da *Semana Illustrada*. Henrique Fleiuss não possui uma fotografia ou pintura conhecida, mas se eternizou através de seus personagens principais, representados na Charge ao lado esquerdo: Dr. Semana e o Moleque.

COMO LER UMA CHARGE?

1. Nem sempre uma charge é acompanhada por legenda, mas caso houver, preste bastante atenção, pois ela pode lhe dar uma direção sobre qual tema o ilustrador está trabalhando.

Figura - De volta do Paraguay.



2. Preste atenção nos mínimos detalhes! Sempre analise a Charge como um todo, algumas críticas se “escondem” nos detalhes e fazem toda diferença para a compreensão.

Fonte: *Vida Fluminense*, nº 128, 11/06/1870.

3. Outro ponto importante é saber em qual jornal/revista a charge foi veiculada. Lembre-se de que a charge não é um documento neutro, logo, carrega consigo a opinião do seu ilustrador/jornal/revista. Conheça o periódico e seu ilustrador!

4. Lembre-se de que precisamos saber o tempo em que a charge se insere. Preste sempre atenção no ano de publicação, para saber a qual momento a charge está veiculada.

CONHEÇA SEU PARADIDÁTICO



Glossário: Em algumas páginas do paradidático você verá este símbolo, que destaca algumas palavras e seus significados.



Para saber mais: Destaca alguns links úteis que permitirão você saber mais sobre o tema tratado pela charge.



Para pensar: Propõe algumas discussões para que você converse com seus professores e colegas de turma.

Figura 1- Brasileiros! Às Armas!



Fonte: *Semana Illustrada*, nº 219, 19/02/1865.

A charge intitulada “*Brasileiros! Às armas!*” foi desenhada por Henrique Fleiuss, ilustrador da *Semana Illustrada*, na sua edição de nº 219 do dia 19 de fevereiro de 1865. A *Semana Illustrada* foi a primeira revista ilustrada brasileira e um sucesso de vendas em sua época. Henrique Fleiuss era amigo próximo da família imperial, logo, não fará críticas a esta em suas charges e publicações, apoiando incondicionalmente as causas imperiais. Com esta charge não será diferente, as mulheres carregam nas bainhas de suas saias e bandeiras o nome de três províncias (Minas Gerais, São Paulo e Bahia) se curvando diante de um indígena, que está sentado na cadeira imperial, que representa o Rio de Janeiro, capital do Império.

Tais províncias eram as mais importantes economicamente à época, logo, percebemos que os nomes dessas províncias não foram colocados aleatoriamente por Fleiuss, pelo contrário, a ideia parece ser demonstrar que foram as primeiras a prontificar seus habitantes em prol do bem do Império, ou seja, as primeiras a se voluntariarem para o conflito, logo após o decreto imperial de n. 3.371, que criava o Corpo de Voluntários da Pátria, em 7 de janeiro de 1865, um mês antes desta charge ser desenhada. Assim, entendemos que Fleiuss assumia o papel de propagar a importância que cada homem brasileiro teria ao se voluntariar para o conflito contra o Paraguai.



Por que Henrique Fleiuss colocou um indígena no trono imperial? Ele representa a figura do Imperador ou do Brasil?



Voluntarismo: Relativo a voluntário. Aquele que ingressa no serviço militar espontaneamente.

Figura 2- A Voluntária da Pátria



A Voluntaria da Patria

Fonte: *Semana Illustrada*, nº 249, 17/09/1865.

A segunda charge, intitulada “A Voluntária da Pátria”, também foi desenhada por Henrique Fleiuss, ilustrador da *Semana Illustrada*, na sua edição de nº 249 do dia 17 de setembro de 1865. A charge traz um verdadeiro enigma: uma voluntária da Pátria chamada Joanna Francisca Leal Souza. Quem foi Joanna Francisca? Não sabemos precisar onde ela nasceu, nem quando e se realmente existiu e serviu ao país. Joana, no entanto, representa um exército “invisível” de agentes que participaram da Guerra do Paraguai: as mulheres. Esta charge chama atenção, pois além de apresentar uma mulher partindo para o campo de batalha, representa também uma tentativa de fomentar o patriotismo e propor uma identidade unificada e, é claro, chamar mais voluntários.

As mulheres participaram do conflito ao seu modo: aparecem em todos os exércitos envolvidos no conflito contra o Paraguai e embora com informações escassas, é possível percebê-las entre imagens, documentos militares e documentos pessoais, como cartas oficiais e particulares. Suas principais funções eram cuidar da alimentação e da saúde das tropas, pois as mulheres não podiam ser aceitas nas armadas imperiais, dada ao conservadorismo vigente na sociedade, que creditava à mulher a responsabilidade da família e do lar. Durante a Guerra do Paraguai a mulher assumiu um papel atuante na sociedade: a de patriota, como veremos na próxima charge.



E você? Acredita que Joanna realmente existiu ou foi inventada por Henrique Fleiuss para fomentar o patriotismo? Converse com seus colegas e professores!



Fomentar: Proporcionar os meios para o desenvolvimento de (algo); estimular, promover, desenvolver.

Conservadorismo: Característica do que é conservador, avesso a mudanças.

Figura 3- Dona Barbara, a Espartana de Minas Gerais



D. BARBARA,
SPARTANA DE MINAS-GERAES.
" Meu filho, toma este escudo; volta com elle ou volta sobre elle! "
(Vide Jornal do Commercio de 28 de Janeiro, na gazetilha sob a epigraphe—Patriotismo).

Fonte: *Semana Illustrada*, nº 217, 5/02/1865.



A terceira charge traz uma senhora e mãe chamada Barbara. O autor Henrique Fleiuss, na edição de nº 217, de 5 de fevereiro de 1865, a chama de “Espartana de Minas Gerais”. Nesta charge vemos uma mãe que entrega ao seu filho o brasão do Império, com os seguintes dizeres: “*Contra os inimigos da Pátria*”. Ainda no início da imagem, acima, temos os seguintes dizeres: “*Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil*”, que é um trecho do Hino da Independência do Brasil. Também ao lado esquerdo é perceptível o elmo espartano, fazendo alusão aos dizeres de Dona Barbara ao seu filho: “*Meu filho, toma este escudo, volta com ele ou sobre ele*”.

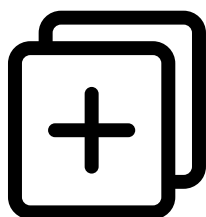
A imagem feminina era representada por Henrique Fleiuss como um modelo ideal de mãe e esposa. Como ressaltamos, as mulheres não poderiam se alistar nas armadas, assim, assumiam em sua casa o dever de ensinar a seus filhos a cultivar seu sentimento patriótico. Entretanto, não era incomum que algumas mulheres fossem contra esta narrativa, tendo estas importantes participações nas independências da América Latina, como na Venezuela, México, Colômbia, Peru e Buenos Aires - a Argentina só foi criada na década de 1850!. No Brasil, chamamos atenção para Maria Quitéria e Maria Felipa de Oliveira, atuantes na independência brasileira. Na Guerra do Paraguai, se destacou a figura de Jovita Alves Feitosa, como veremos na charge a seguir.



Como o conservadorismo vigente afetava a vida feminina no século XIX? Pesquise mais sobre a situação feminina no século XIX.



Espartana: Pessoa nascida ou que vivia em Esparta (Grécia antiga). Que tem costumes espartanos; que demonstra extremo rigor, sobriedade, austeridade naquilo que faz ou em seus hábitos.



Acesse a página [Links para saber mais sobre a formação da Argentina atual](#). Link nº 4.

Figura 4 - Lei das Compensações



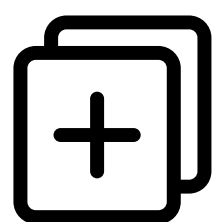
Lei das compensações.
Atras de Jovita, bella
Todo o mundo andava outr'ora;
Por sua vez — anda agora
Todo o mundo adiante della.

Fonte: *Semana Illustrada*, nº 327, 17/03/1867.

Jovita Alves Feitosa é o nome da mulher que ilustra esta charge de autoria de Henrique Fleiuss e veiculada na edição nº 327, de 17 de março de 1867, da *Semana Illustrada*. Mas, quem foi Jovita? Nascida Antônia Alves Feitosa e tendo como apelido Jovita, possuía 17 anos e nasceu no sertão cearense. Apresentou-se como voluntária no Piauí, mas não como mulher e sim como homem, tendo cortado os cabelos e se vestido com roupas masculinas. Logo Jovita foi descoberta e seu caso virou a notícia do momento nos jornais de todo o Brasil. Para além desta situação, digna de roteiro de filme, o seu caso é bastante interessante, pois acaba por se tornar parte da promoção e divulgação do alistamento para o conflito, em momento oportuno para o presidente da província do Piauí, Franklin Américo de Meneses Dória, quando diminuía o número de voluntários.

Jovita conseguiu ser incluída no exército brasileiro com a patente de segundo-sargento e, desde o momento em que deixou o Piauí, rumo ao Rio de Janeiro, chamava atenção da imprensa por onde passava, sendo recebida com festas.. Porém, uma vez que estamos no século XIX, a presença de Jovita, uma mulher, em um exército, era vista com bastante ambiguidade, ou seja, a admiração pelo alistamento voluntário convivia com o sentimento de rejeição por parte da população. Seu alistamento não durou muito tempo, e sequer chegou a embarcar para o front, pois foi recusada no exército.

Sob a legenda de Lei das Compensações, a charge ilustra os momentos que aqui discutimos sobre Jovita: seu auge, quando todos queriam vê-la, segui-la e admirar sua coragem em se voluntariar, e para isso Fleiuss ilustra Jovita à frente de uma fileira infinita de homens; já a segunda charge, à direita, ilustra Jovita no final desta fila, simbolizando que agora é uma “pessoa normal”, tal qual todos que andam adiante dela, não possuindo mais o status de personalidade que antes detinha. Seria esta a Lei das Compensações?

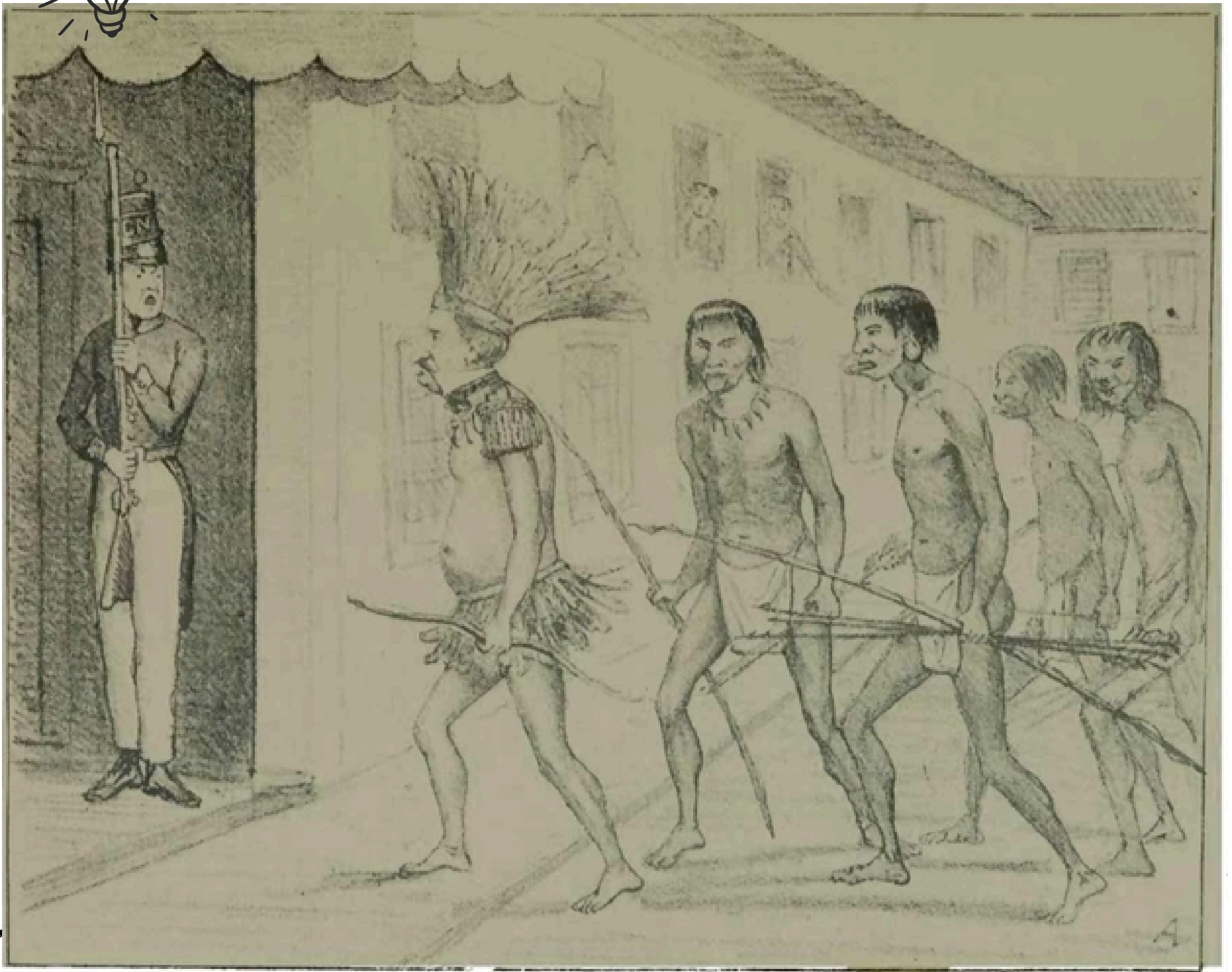


Acesse a página Links para saber mais sobre Jovita Alves Feitosa. Link nº 1.



Quais os motivos que levaram Jovita a ser recusada no Exército? Reflita!

Figura 5 - O Tenente-Coronel dos Botocudos, à frente de um punhado de bravos, vem oferecer-se para marchar contra o Lopes. Desta vez o Paraguai leva o diabo!!!!.



Fonte: *O Cabrião*, nº 12, 16/11/1866.

Sob a legenda de “[...] *o Cabrião não tem palavras para louvar e admirar semelhante ato porque compreende muito bem, que o verdadeiro amor da pátria revela-se por FATOS e não por meros palanfrorios e pedantescas patriotagens*”, esta charge, de autoria de Ângelo Agostini, foi veiculada na edição nº 12 de seu jornal ilustrado chamado *O Cabrião*, em 16 de novembro de 1866. Tal legenda representa a opinião dos redatores do *Cabrião* e também uma representação do traço crítico de Agostini: a crítica ao patriotismo político, uma vez que o patriotismo “real” é caracterizado pela ação, voluntarismo, pegar em armas e lutar pelo seu país, não pelo patriotismo “palanfrório” (isto é, pregado em panfletos, falado, mas não posto em ação) ou seja, o patriotismo político.

A participação dos indígenas ocorreu dos dois lados do conflito. O exército brasileiro teve seus batalhões compostos pelas etnias Kadiweus, Terena, Laiana, Mbayás, Paiaguá, Guarani e Guaiacurus. Já o lado paraguaio era composto por indígenas majoritariamente pertencentes à etnia Guarani, maioria da população paraguaia. As comunidades que participaram ativamente do conflito no lado brasileiro foram as localizadas na fronteira Brasil – Paraguai, pois foram os primeiros a serem atingidos pelo conflito e também eram importantes conhecedores da região, ajudando o exército em sua incursão no Paraguai. A partir do avanço do voluntarismo pelas províncias, outros grupos indígenas brasileiros foram incorporados aos batalhões de voluntários. Entretanto, os indígenas e sua participação no conflito foram apagados, gradativamente, por uma história tradicional, que deu pouca importância à essa participação.



Dê uma olhada na página Links para saber mais sobre a Comunidade Guarani no Paraguai. Link nº 2.



Etnia Guarani: Uma das etnias mais representativas das Américas. Se encontra distribuída pelos países: Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil.

Palanfrório: Que fala excessivamente; que discursa de modo verboso; que se expressa arditosamente.

Figura 6 - Bárbaros paraguaios! Aqui vos trago uma corte de voluntários para libertá-los



Fonte: *Diabo Coxo*, nº 12, 31/12/1865.

Outros agentes que participaram do conflito contra o Paraguai foram os escravizados e libertos. Inserida na edição de nº 12 do *Diabo Coxo*, o primeiro jornal ilustrado de Ângelo Agostini (e também o primeiro ilustrado da província de São Paulo), esta charge foi veiculada no dia 31 de dezembro de 1865 e nos mostra, à esquerda, o território paraguaio, no meio está a fronteira entre o Paraguai e o Império do Brasil, e à direita um oficial brasileiro mostrando aos "bárbaros paraguaios" seus "libertadores", com as mãos e pescoços acorrentados; mais abaixo, ainda à direita, vemos um soldado espancando um escravo.

A ironia da charge está na sua interpretação sobre liberdade e barbárie: o Império brasileiro, cuja economia era baseada no trabalho escravo, incorporou durante a Guerra do Paraguai o espírito de combate pela libertação do Paraguai, um país que era visto como governado por bárbaros e tiranos. A charge contrasta a então realidade da época no Brasil e no Paraguai, em que os mesmos negros que eram escravizados e colocados à margem da sociedade, ingressariam nos pelotões dos voluntários, tendo como intuito libertar, não só seu país, como também o Paraguai, da barbárie e da desonra trazida por Solano Lopez.

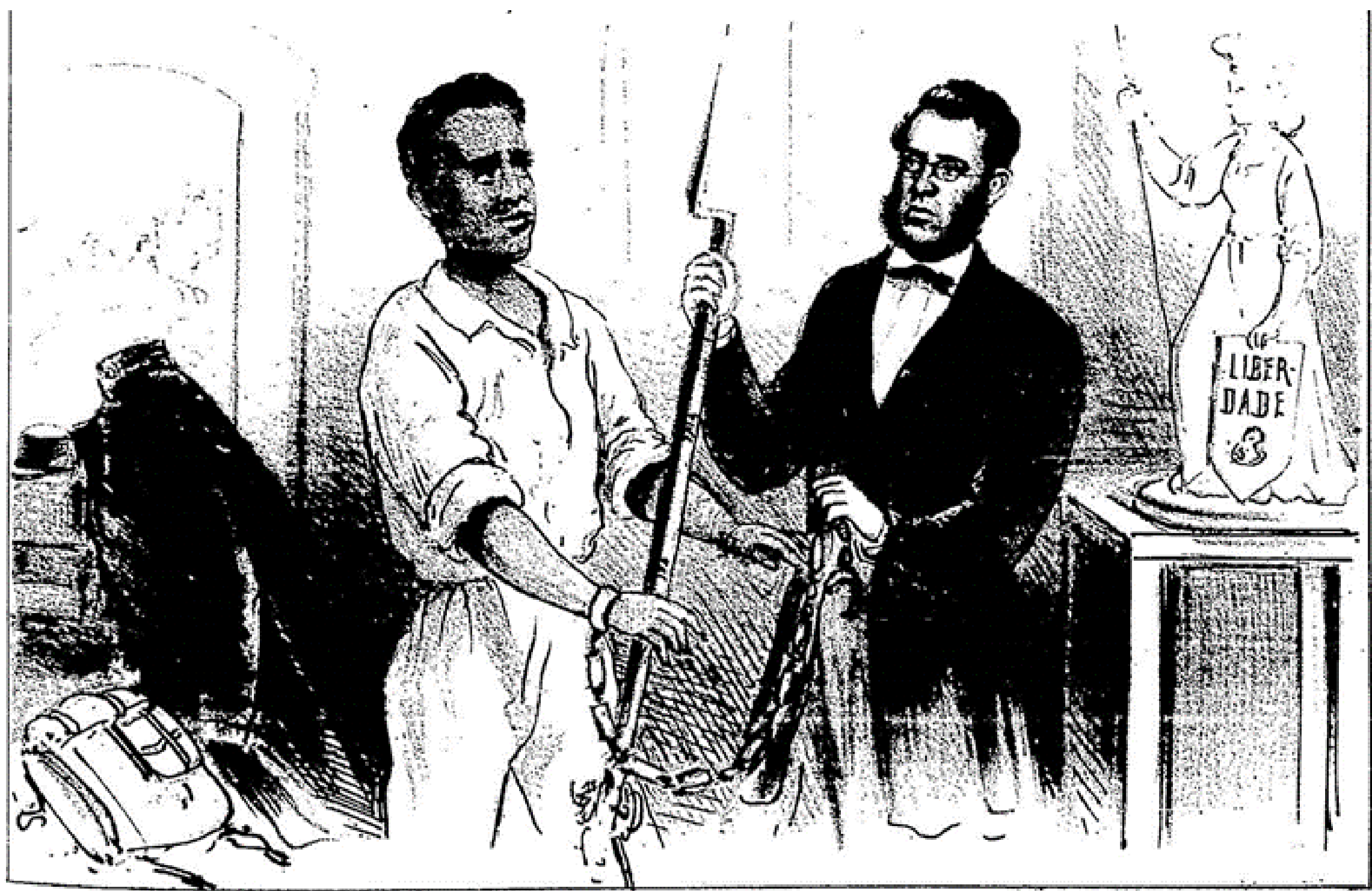


Esta charge aparenta ser a favor ou contra o voluntarismo para o conflito? Reflita!



Barbárie: Qualidade, condição ou estado de bárbaro; barbarismo, selvageria. Para o momento, aquilo que era considerado oposto aos padrões de civilização.

Figura 7 - Negociante alforria seu escravo para a Guerra



O grande Condé dizia que para concluir-se a guerra no mais breve espaço de tempo, erão necessarias duas coisas: homens e dinheiro; e o Sr. José Luiz Alves, negociante de grosso trato n'esta praça, comprehendeu perfeitamente o axioma de Condé; comprando e libertando um escravo, offerecendo-o para marchar para o theatro da guerra, pagou-lhe adiantado um anno de fardamento, soldo e etapa. Assim, praticou elle um acto de patriotismo, diminuiu o numero dos escravos e augmentou o dos soldados. Parabens ao honrado Fluminense. Honra a elle e a todos os que seguem tão nobre exemplo!

Fonte: *Semana Illustrada*, nº 309, 11/11/1866.

A charge nº 7, de autoria de Henrique Fleiuss e veiculada dia 11 de novembro de 1866 na edição de nº 309 da *Semana Illustrada*, nos mostra dois homens, um com roupas formais, à direita, retirando a algema de seu escravo, o homem de roupas brancas à esquerda, e dando-lhe uma lança. Ao final, na direita, podemos analisar uma estátua de uma figura feminina a segurar um escudo com o nome “Liberdade” e mais ao fundo, à esquerda, uma mochila pronta para uma possível partida. A legenda da imagem é a seguinte “[...] e o Sr. José Luiz Alves, negociante de grosso trato nesta praça, compreendeu perfeitamente o axioma de Condé, comprando e libertando um escravo, oferecendo-o para marchar para o teatro da guerra, pagou-lhe adiantado um ano de fardamento, soldo e etapa. Assim, praticou ele um ato de patriotismo, diminuiu o número dos escravos e aumentou dos soldados. Parabéns ao honrado fluminense, honra a ele e a todos os que seguem tão nobre exemplo!”

Como já relatamos, os escravizados não eram considerados parte da sociedade brasileira, mas como a guerra já se encaminhava para o seu terceiro ano e contava com expressivas perdas para as armadas imperais, o governo decidiu por incentivar a libertação dos escravizados como forma de empenho patriótico. Logo, não surpreende que Fleiuss, amigo do Imperador e apoiador da monarquia, tenha desenhado suas charges para fazer menção a tal condição, que mostrava a situação “desesperadora” que o Império vivia com o prolongamento do conflito e a queda no recrutamento.

Os proprietários de escravizados tinham um bom negócio com a venda destes para o conflito, pois conseguiam escapar do voluntarismo colocando seus escravos em seus lugares ou no lugar de seus filhos. Pelo gesto, alguns também poderiam conseguir um título de nobreza.



E você? Acredita que os proprietários alforriavam seus escravizados espontaneamente ou só visavam os lucros com a venda?



Alforria: Liberdade concedida ao escravizado pelo senhor. Libertação.

Figura 8 - De volta do Paraguai



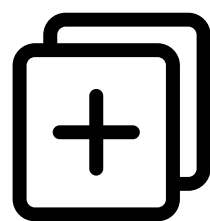
Fonte: *Vida Fluminense*, nº 128, 11/6/1870.

Esta charge, de autoria de Ângelo Agostini e veiculada na edição nº 128 da *Vida Fluminense*, em 11 de junho de 1870, mostra a situação pós fim do conflito. Em um primeiro plano temos um soldado negro, voltando do conflito que a pouco tinha finalizado, vestido em seu uniforme e portando artigos militares como as condecorações do conflito no seu peito, além da mochila, bernal e cantil. Ele se depara com sua mãe, amarrada em um tronco e sendo espancada por dois elementos. A legenda que se encontra é a seguinte: “Cheio de glória, coberto de louros, depois de ter derramado seu sangue em defesa da pátria e libertado um povo da escravidão, o voluntário volta ao seu país natal para ver sua mãe amarrada a um tronco, horrível realidade!”.

Feroz tal qual seu traço, Agostini nos mostra a horrível realidade escravocrata brasileira, em que a escravidão permaneceu como principal mão de obra do país e só acabou com a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. O pós-guerra mostrou rapidamente aos cativos que estes e o Império tinham interesses divergentes: enquanto um tinha por interesses a Bacia do Prata e uma consequente consolidação como potência na região, os escravizados tinham por interesse a liberdade que lhes fora prometida pelo governo quando chegasse o fim do conflito. O conflito acabou, mas a escravidão continuou até 1888, e poucos foram os escravizados que conquistaram o direito à liberdade ao fim do conflito, como prometera o governo imperial.



Esta é, provavelmente, uma das charges mais famosas de Agostini, aparecendo em alguns livros didáticos de História. Agora, dê uma olhada no seu livro didático de História e veja se esta charge se encontra nele ou se há outra que tenha um personagem negro.



Dê uma olhada na página Links para saber mais sobre o lento processo de abolição da escravidão no Brasil. Link nº 3.

Figura 9 - A volta do soldado inválido



Fonte: *O Cabrião*, nº 31, 5/5/1867.

Outra charge oriunda do traço feroz de Agostini, a charge nº 9, veiculada na edição nº 31 de 5 de maio de 1867 do *O Cabrião*, mostra um lado da guerra pouquíssimo visto: a volta dos inválidos (chamados assim, pois perderam um membro de seu corpo, como mãos, pés, braços, pernas etc. em serviço militar). Na charge encontramos dois homens conversando, os dois estão portando uniforme militar. O homem da direita parece estar com medo de ir para o front, o da esquerda, apoiado em duas pernas de pau e se apoiando em uma bengala o pergunta ironicamente: “Então, está com medo de marchar para a guerra? Deixa-te de sustos! Lá nem todos morrem.... Não estás vendo que estou de volta?”.

Agostini é um dos únicos artistas brasileiros que escancara o problema da volta dos voluntários, pois muitos foram os homens mutilados e os doentes crônicos que voltaram do conflito. Muitos tiveram que lutar por seus direitos, como soldo e/ou lugares para moradia, porém poucos conseguiram. Este era um lado da guerra que o governo imperial não queria que a população conhecesse, tais inválidos precisariam ser escondidos do olhar da população em geral. Além de inválidos, também deveriam ser esquecidos.



Por que os inválidos eram escondidos da população? Eles eram entendidos como heróis ou como pessoas incapazes de realizar os trabalhos comuns?

Figura 10 - Chico Diabo



Fonte: *Semana Illustrada*, nº 485, 27/3/1870.

Escolhemos para nossa ultima charge o fim do conflito, que ansiava por ser breve, mas durou sete anos até a captura e morte de Francisco Solano Lopez, em 1 de março de 1870. Na edição nº 485, veiculada em 27 de março de 1870 na *Semana Illustrada*, Henrique Fleiuss traz a figura do cabo José Francisco Lacerda, o “Chico Diabo”, que levou a morte o inimigo número um do Império: Francisco Solano Lopez. A guerra contra o Paraguai acabou com a lança que o jovem cabo Chico arremeteu contra o peito do paraguaio, acertando-o em cheio e levando-o a morte.

A charge nº 10 representa este momento. Percebemos atrás, vários soldados e, à frente, pegando um ângulo maior, vemos o cabo Chico Diabo perfurando o peito de Solano Lopez, que morre em consequência deste ferimento. A legenda da imagem diz o seguinte: “*Atravessando com uma lança o monstro mais bárbaro e hediondo que tem visto o mundo – o execrando Francisco Solano Lopez, destruidor de sua própria pátria!*”

Esta morte, porém, traz controvérsias sobre seu autor, alguns militares dizem que quem matou Solano Lopez foi um tiro de fuzil oriundo do major José Simeão, que perseguiu Solano e o matou, outros concordam que quem mata é a lança que Chico Diabo arremessa. Independentemente do que tenha acontecido, a imprensa e a historiografia acabaram por consolidar o cabo Chico Diabo como o assassino de Solano Lopez. Entretanto, alguns pesquisadores acreditam que o imperador Dom Pedro II não queria a morte de Solano e sim sua captura, ordenando que fizesse um novo laudo médico que evidenciasse as condições em que Lopez morreu; também evitou que dessem honrarias militares para Chico Diabo, o que de fato não ocorreu.

A Guerra do Paraguai se encerra em 1 de março de 1870, mas suas consequências ecoam até os dias atuais, principalmente no Paraguai. Pesadas foram as baixas que todos os países envolvidos enfrentaram.



A Guerra do Paraguai foi um conflito com dimensões nunca vistas na América do Sul. Mais de 400 mil pessoas morreram, entre mulheres, idosos e crianças. Comente com seus colegas e professores qual charge deste paradidático lhe chamou mais atenção e o por quê. Também conversem sobre os diferentes agentes do conflito e como Ângelo Agostini e Henrique Fleiuss ilustraram esta guerra: eram favoráveis ou contrários? críticos ou propagandistas? Reflitam!

TESTANDO

seu conhecimento.

1 - Tratamos neste paradidático, dois ilustradores durante o período do Império e que alcançam sua fama durante o período da Guerra do Paraguai. Qual foram?

- a) Ângelo Agostini e Henrique Fleiuss
- b) Henrique Gomes e Ângelo Bismarck
- c) Ângelo Souza e Henrique Guimarães

2- Qual Guerra o Brasil participou ao lado do Uruguai e Argentina, contra o Paraguai?

- a) Guerra do Contestado
- b) Guerra do Uruguai
- c) Guerra do Paraguai

3- O Decreto Imperial de n. 3.371 criou, extraordinariamente, o:

- a) Corpo de Voluntários do Exército
- b) Corpo de Voluntários da Pátria
- c) Corpo de Voluntários de Guerra

4- O primeiro Voluntário da Pátria foi:

- a) Duque de Caxias
- b) Almirante Tamandaré
- c) Imperador Dom Pedro II

5- As mulheres podiam se alistar nas forças armadas durante o período da Guerra do Paraguai? Faça uma pesquisa e escreva sua opinião:



LINKS

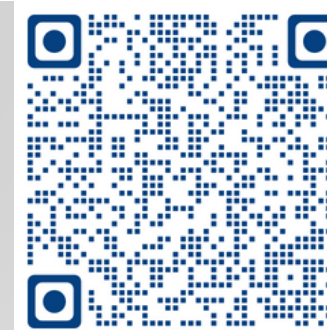
1

Quer saber mais sobre Jovita? Acesse este vídeo disponível no Youtube em que o historiador José Murilo de Carvalho fala sobre Jovita Alves Feitosa: https://www.youtube.com/watch?v=SFkMD_d-tug&t=53s. Mire a sua câmera no QR Code ao lado:



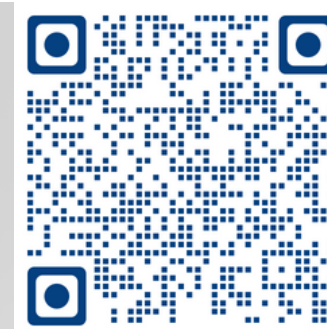
2

Quem são os Guarani? Acesse o minidocumentário “*Paraguai, o que será dos Guaranis?*” disponível no Youtube, que relata a luta da comunidade Guarani para conservar sua língua, comunidade e cultura: <https://youtu.be/9kCy6iEBWQg?si=yEGMx0a-ze7i-Egf>. Mire a sua câmera no QR Code ao lado:



3

Assista o vídeo “O lento processo da abolição da escravidão no Brasil” para entender como se deu o processo de abolição da escravatura no país: <https://www.youtube.com/watch?v=NBSvfpWbkQ0>. Mire a sua câmera no QR Code ao lado:



4

Escute o episódio "Argentina: Unitários e Federalistas na construção da nação" do podcast Hora Americana - Podcast de História das Américas no Spotify. Mire a sua câmera no QR Code ao lado:



REFERÊNCIAS

- BALABAN, Marcelo. “Voluntários involuntários”: o recrutamento para a Guerra do Paraguai nas imagens da imprensa ilustrada brasileira do século XIX. *Revista Mundos do trabalho*, v. 1, n. 2, p. 221-256, 2009.
- DOURADO, Maria Teresa Garritano. *A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades*. Tese (Doutorado). História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- FRADIQUE, Pedro. *Indígenas em Pernambuco na Guerra do Paraguai*. Monografia (Graduação). História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.
- IZECKSOHN, Vitor. O Recrutamento de Libertos para a Guerra do Paraguai. *Navigator*, v. 11, n. 21, p. 96-110, 2015.
- MAESTRI, Mário. Quem matou o mariscal? Cerro Corá, 1º de março de 1970: Entre a História e o Mito. *Tempos Históricos*, v. 18, n. 1, p. 354-387, 2014.
- MENESES, Nayla Thaynã Soares Alves de. Charges, Ensino de História e Guerra do Paraguai. Produto Educacional: “A Pena, A Pedra e A Guerra: Uma Guerra do Paraguai em 10 Charges”. Dissertação (Mestrado). História. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.
- PIRES JÚNIOR, Arnaldo Lucas. *A Imprensa em guerra: O imaginário e as identidades produzidas nas caricaturas da imprensa ilustrada brasileira e paraguaia durante a Guerra da Triplice Aliança (1864-1870)*. Dissertação (Mestrado). História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.